



## **JUVENTUDE LGBT E A CIDADE DE JUIZ DE FORA primeiros apontamentos**

Raphaela G. Dutra<sup>1</sup>; Carlos E. S. Maia<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este artigo foi elaborado durante a pesquisa *Festividade e Territorialidades do Miss Brasil Gay e Rainbow Fest juizforana* que teve seu início no segundo semestre do ano de 2010. O presente trabalho tem como objetivo examinar através da fala dos jovens LGBTs sua relação com a festa na cidade, destacando o papel da parada do orgulho gay em Juiz de Fora (MG) para eles. Em termos de procedimentos metodológicos utilizamos um roteiro de perguntas para guiar entrevistas semi-estruturadas e consulta em material bibliográfico.

**Palavras - chave:** Festa, Jovens, Parada do Orgulho LGBT

### **Abstract**

This article was elaborated during the research *Territorialities Festival and the Miss Brazil Gay and Rainbow Fest juizforana*, that had start in the second half of 2010. The present work aimed to examine through speaking of the young LGBT sits relation with the party in the city, highlighting the role of the gay pride parade in Juiz de Fora (MG) for him. In order to accomplish this work, we used a script of questions to guide towards semi-structured interviews and consultation on bibliographic material.

**Keywords:** Party, Young, LGBT Pride Parade

### **Introdução**

Este artigo foi elaborado durante a pesquisa *Festividade e Territorialidades do Miss Brasil Gay e Rainbow Fest juiz-forana* e, a partir de uma perspectiva teórico-empírica, iremos verificar como os jovens entrevistados, que se autodeclaram LGBT, percebem a cidade de Juiz de Fora e se relacionam com ela, tomando a festa como (com) texto investigativo.

Partindo da ideia de que “a cidade é um conjunto de lugares apropriados e produzidos pelos grupos sociais experienciando tempos e ritmos diferentes” (SALGUEIRO, 2005, p. 99), norteamos nosso estudo verificando estas experiências através da fala dos jovens de orientação LGBT, a saber, uma parcela da população

que vem conquistando ao longo do tempo visibilidade como cidadãos e não devem ficar à margem das discussões de gênero realizadas na ciência geográfica.

---

<sup>1</sup> Graduanda em geografia /UFJF. E-mail: rgranatojf@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Associado no Dep. De Geociências/UFJF. Email: carlos.maia@ufff.edu.br

### **Material e métodos**

Em nossa pesquisa foram entrevistados cinco jovens com idade entre 21 e 25 que se autodeclararam homossexuais, englobando sujeitos do sexo masculino e feminino. Elaboramos um roteiro de perguntas para guiar as entrevistas semi estruturadas que foram realizadas na ONG MGM (Movimento Gay de Minas Gerais). Utilizou-se gravador digital com posterior transcrição, respeitando a fidelidade da fala dos entrevistados.

A fim de preservar a identidade dos jovens que participaram da pesquisa seus nomes foram mantidos em sigilo e substituídos por letras aleatórias seguindo a ordem como as entrevistas foram realizadas. Desta forma a letra “A” corresponde à primeira entrevista e assim por diante.

### **Resultados e discussão**

Iniciamos nosso roteiro com a seguinte pergunta: o que é ser jovem? A princípio notamos uma preocupação através da fala dos entrevistados com o fator orgânico da idade. Também percebemos um grande destaque para a questão de mudanças e transformações psicológicas.

Desta maneira para ‘A’:

É... então eu sou jovem, eu já estou entrando na fase adulta, tipo é um período muito...assim...você ganha muitas responsabilidades e ao mesmo tempo você quer curtir. Então o que é ser jovem? Tipo a não sei é um período de transição de mudança.

A juventude enquanto uma categoria é algo socialmente construído e, ao longo do tempo, esta noção pode sofrer alterações devido a uma série de fatores, tais como conjuntura política e econômica. Deste modo segundo Cassab “o entendimento da juventude e de quem seria o jovem modifica-se espacial e temporalmente” (CASSAB, 2009, p.16).

Assim não iremos delimitar este ser jovem pela idade orgânica, pois a juventude e a adolescência são fases da vida de um indivíduo que estão intimamente ligadas à cultura de um lugar. Ainda com relação pergunta anterior sobre o que seria

ser jovem, complementamos a questão com os seguintes questionamentos: como é ser um jovem LGBT em JF? Como você se sente em relação à cidade?

O entrevistado B diz:

Eu acho que Juiz de Fora em relação a outras que eu já morei é uma cidade que evoluiu bastante em relação à questão LGBT. É um lugar que você já pode andar de mãos dadas, você já pode beijar na rua, sem tantos problemas igual você tem em outras cidades, ainda tem preconceito, existe, você percebe olhares diferentes, você percebe comentários preconceituosos, mas está um pouco melhor que outras cidades.

Este relato nos remete aos casos de violência sofrida por pessoas de orientação LGBT, ou até mesmo por pessoas que não se consideram como dessa orientação, mas que por algum motivo realizaram demonstração de afeto com pessoas do mesmo sexo. Aqui podemos citar um caso amplamente noticiado nos meios de comunicação. Pai e filho foram agredidos por um grupo de homens por estarem abraçados, mesmo dizendo se tratar de pai e filho os agressores ignoraram esta afirmação e agrediram os dois.

Sobre esta questão o entrevistado identificado como D. relata:

Eu acho que Juiz de Fora é uma das cidades que mais proporciona ao jovem LGBT conseguir viver sua cidadania da forma mais plena. Eu acho que o jovem LGBT e Juiz de fora é ter outras perspectivas que você não tem em outros lugares.

Essas opiniões refletem as políticas que estão presentes na cidade voltadas para este segmento, bem como eventos que movimentam o município, como é o caso do concurso Miss Brasil Gay, da Rainbow Fest juizforana e a parada do orgulho gay.

Além disso, a legislação municipal também coíbe práticas discriminatórias por orientação sexual, a chamada “Lei Rosa” (Lei nº 9.791), todo esse contexto contribui com a queda da discriminação. É evidente como deixou explicitado o entrevistado D. que existe preconceito, mas em Juiz de Fora ele é menor, ou a cidade é um pouco mais tolerante.

Com relação à cidade em que vivem e aos locais frequentados por esses jovens concordamos com o fato de que “a cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer e também uma cultura.” (CARLOS, 2008, p. 26).

E seguindo com nossa investigação, perguntamos a estes jovens, o que é cidade para eles, quais locais costumam frequentar e porque escolhem estes lugares. A resposta de A. evidencia que a princípio o fator que mais segrega os jovens não está na sua orientação sexual e sim na renda.

Sobre esta questão A diz:

Então eu pessoalmente não vejo muita diferenciação porque até por conta tem uma pergunta mais pra frente dos ambientes, eu frequento e eu não me limito em frequentar ambientes LGBT, na verdade são os que eu menos frequento, porque eu não me considero assim, as pessoas não me consideram dentro do estereótipo. Então, assim, eu transito em vários locais. O que eu mais frequentei foi o café acústico, que não é uma casa exclusivamente LGBT, mas assim muito pouco.

Ainda conversando com A. perguntamos se não costuma ir a outros lugares com Privilege ou Multiplace que, no caso, eram casas noturnas bastante frequentadas por jovens. A entrevistada disse que não frequenta estes lugares por não possuir poder aquisitivo para isto, alega que especificamente estas casas e outras também são distantes e devido a seu estilo de vida, prefere atividades culturais como cinema e coisas que considera mais *light*.

Sobre o significado da *Parada do Orgulho Gaye a Rainbow Fest* para estes jovens as respostas foram bastante positivas, frisando a importância deste momento em suas vidas e a liberdade que estes eventos proporcionam, trazendo um sentimento de visibilidade para eles.

Sobre o que significa a *Parada do Orgulho Gay* o entrevistado B revela:

Para mim a parada do orgulho gay é uma oportunidade que tenho de agir politicamente (...) de politicamente você marcar presença, você mostrar tipo os gays existem, eles estão aqui lutando pelos direitos deles, nem que vai lá só pra beijar na boca, mas você está marcando uma presença. Inconscientemente ou não você está marcando uma presença política naquele momento.

Percebemos através das falas que este momento é experimentado de uma maneira plena, pois eles relatam que “paqueram”, fazem “pegação” que “curtem”. A *Parada do Orgulho Gay*, assim como a *RainbowFest*, é uma ocasião muito especial, pois o cotidiano é rompido e, ao menos nesses dias, os jovens usufruem

de uma liberdade que de certa forma lhes é negada. Essas falas demonstram ainda um pouco um sentimento de invisibilidade cotidiana, de ocultamento muito presente na identidade homossexual, condição revertida na festa.

### **Conclusão**

Pretendemos mostrar através deste texto como os jovens de orientação LGBT se apropriam da cidade e a importância da Rainbow Fest eles, levantando algumas problemáticas, tais como se dão a escolha dos lugares que frequentam e o porquê destas escolhas. A renda é um fator que também é levado em conta com relação a estas escolhas, tendo em vista que a maioria escolhe os locais por identificação, mas estes locais podem ser limitados devido ao seu poder aquisitivo.

Notamos que a condição LGBT em Juiz de Fora é favorecida, pois a cidade é considerada mais tolerante com relação às práticas homoafetivas. Isto se deve em parte pelos eventos que acontecem no município, como a semana da Rainbow, e também a dispositivos legais como a Lei 9.791, conhecida como “Lei Rosa” e, além disso, a forte atuação da ONG Movimento Gay de Minas Gerais com sede na cidade.

A parada também é um ponto importante para os jovens entrevistados, para eles é o momento de sair da invisibilidade e tomar as ruas divulgando seu ideal e reivindicando seus direitos. Rainbow Fest e a parada podem ser caracterizadas como momentos de ruptura com o padrão heteronormativo da cidade, que em muitos casos impõe certos comportamentos.

### **Referencias**

CARLOS, Ana Fani Alessandrini. **A cidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2ª edição 1995, p. 26.

CASSAB, Clarice. **(Re)construir utopias: jovem, cidade e política** Tese . (Doutorado em Geografia), UFF, Niterói, 2009. Disponível em: <[http://www.btdt.ndc.uff.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3306](http://www.btdt.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3306)> Acesso em 05/02/2013

HAESBAERT. Rogério. Identidades territoriais. In CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeni (Org.). **Manifestações da Cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.169 – 190.

JUIZ DE FORA. Lei nº. 9791, de 12 de maio de 2000. Dispõe sobre a ação do Município no combate às práticas discriminatórias, em seu território, por orientação sexual. **Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, MG, 13 maio 2000, p. 10. Disponível em: <[http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c\\_norma.php?chave=0000023610](http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c_norma.php?chave=0000023610)>. Acesso em: 06 de janeiro de 2011.

SALGUEIRO, T.B. 2003. **Espacialidades e temporalidades urbanas.** In: A.F.A. CARLOS e A.I.G. LEMOS (orgs.), *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo, Contexto, p. 99-104.